

O Instituto dos Altos Estudos de Defesa Nacional e a Academia de Defesa da Escola Militar diante dos Desafios da Reflexão Estratégica

Benoît Durieux*

A multiplicação das zonas de guerra, tensão e desestabilização, da Ucrânia até o Sahel e de Gaza até o mar da China, é acompanhada por evoluções significativas do fenômeno bélico. A tática fica transtornada diante da **aparição de novas armas**, seja pelo crescente uso de drones, seja pela Inteligência Artificial ou pelas armas de longo alcance. A estratégia deve integrar em seus cálculos as dimensões cibernéticas, informacionais e espaciais. Antes mesmo da guerra, os Estados em competição já assistem ao enfraquecimento gradual das regras de segurança coletiva, dos incentivos ao multilateralismo ou até das antigas práticas de controle de litígios. É o motivo pelo qual **o novo plano de ação da parceria França-Brasil, assinado por nossos dois Presidentes em Brasília, em março de 2024**, aparece como fundamental.

Neste âmbito, nunca foi tão importante refletir sobre guerra e estratégia, único meio de se evitar que a guerra pense por nós e que fiquemos jogados por aí, à mercê de acontecimentos desejados por outros.

O que é estratégia? Numerosas são suas definições, mas falar da estratégia é obrigatoriamente articular três dialéticas, que determinam os desafios impostos ao pensamento estratégico. Outrossim, essas três dialéticas remetem a três humildades necessárias na postura estratégica.

A primeira dialética que vem à mente, é aquela dos meios materiais e dos fins políticos. Hoje em dia, o desafio consiste em pensar a natureza da guerra muito mais do que em fórmulas para vencê-la. Mais do que nunca, há de pensar metas de guerra e a maneira de como os objetivos militares permitem alcançá-las. Será que aqueles almejam prioritariamente destruir o inimigo ou conquistar (ou defender) um território? De forma correlata, a questão da limitação da guerra é central. A guerra total designa efetivamente muito mais uma dinâmica de ascensão aos extremos do que um estado de fato, pois se pode sempre acrescentar o grau de intensidade de uma guerra. Mas essa dinâmica caracteriza-se sempre pela subordinação da

* General de Exército. Diplomado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris e pela Universidade de Georgetown. Diretor do Instituto dos Altos Estudos de Defesa Nacional (IHEDN) de 2021 até 2024.

política à dimensão militar, o que de antemão é garantia de fracasso. Aderir à dialética dos meios e dos fins, é, portanto, primeiramente ter a humildade de limitar seus objetivos.

A segunda dialética é aquela do presente e do futuro, pois falar de estratégia é considerar a longo prazo e ter a humildade de não alcançar seus objetivos de forma instantânea. Uma dimensão desta dialética consiste, hoje, em pensar a importância a ser dada aos avanços tecnológicos, assunto que foca atualmente o impacto do digital e da inteligência artificial. As forças armadas que melhor souberem combinar o emprego o mais adaptado da IA, com a manutenção da criatividade e da compreensão da psicologia do adversário, adquirirão uma vantagem determinante sobre seus rivais. Um outro desafio a ser vencido nos próximos anos será aquele das armas de precisão de longo alcance ou dos drones, cujo impacto na guerra naval e nas aviações militares será de maior importância.

Finalmente, **a terceira dialética é aquela da relação com o inimigo, o adversário ou o concorrente**, pois a estratégia diz respeito a um enfrentamento de vontades antagônicas ou no mínimo não convergentes. Compreender o Outro, seus motivos de agir ou lutar representa sem dúvida um dos maiores desafios de nossos tempos diante do fato de que a comunicação digital tende a caricaturar as posições de uns e outros. Sendo assim, a análise das culturas estratégicas e das agendas geopolíticas dos atores impõe-se como essencial; diz respeito à terceira humildade, aquela que consiste em admitir que um adversário pode ter uma maneira diferente de ver o mundo.

*

Foi a multiplicação desses desafios para a reflexão estratégica que justificou a recém-criada **Academia de Defesa da Escola Militar¹ (ACADEM)**, amplamente impulsionada pelo Instituto dos Altos Estudos da Defesa Nacional² (IHEDN), em Paris. Lembramos nesta oportunidade que a Escola Militar, obra prima da arquitetura do século XVIII, foi encomendada pelo Rei Luís XV, após sugestão do Marechal da Saxônia, com a ajuda ignorada da Marquesa de Pompadour, para formar jovens de famílias aristocráticas, desprovidos de recursos, num momento em que, já, a guerra de sucessão da Áustria evoluía com Estados europeus enfrentando-se em pano de fundo de desinformação, de alianças evolutivas e de novas ferramentas na área da Inteligência. Se o jovem Bonaparte ali estudou durante o biênio 1784-1785, o complexo perdeu sua vocação acadêmica ao longo da maior parte do século XIX, antes de abrigar, em 1878, a nova Escola de Guerra como ilustração da renovação intelectual que

¹ Académie de défense de l'Ecole Militaire.

² Institut des hautes études de la Défense nationale.

todos na França consideravam como necessária após a derrota de 1870. Progressivamente, ao longo do século XX, numerosos estabelecimentos de ensino militar superior, de formação de líderes, de doutrina ou de pesquisa foram se instalando no recinto da velha escola. O Centro dos Altos Estudos Militares, no ano de 1911, e o Colégio dos Altos Estudos de Defesa Nacional, em 1936, são alguns exemplos desse tipo de estabelecimentos que multiplicar-se-ão no local, durante a segunda parte do século XX, conforme ao ritmo caótico das reformas das forças armadas francesas e de seu abandono de numerosas outras instalações na capital.

Ao final desse processo de afirmação e sedimentação, contava-se, em 2023, mais de vinte organismos de pesquisa ou formação³, subordinados a múltiplas autoridades, Comandantes das Forças, Comandante do Estado-Maior Conjunto, Ministro das Forças Armadas, Diretor-Geral da “*Gendarmerie nationale*”, Ministro do Interior ou Primeiro-Ministro⁴. Mas o peso das missões cumpridas, a diversidade das cadeias hierárquicas e o relativo distanciamento entre os prédios não facilitavam os intercâmbios, surrupiando quaisquer possibilidades de desfrutar dessa proximidade, única no mundo, entre tantas instituições com vocações tão similares.

Criada em menos de dois anos, a Academia de Defesa da Escola Militar concretiza uma vontade antiga. Logo após a “Liberação⁵”, o governo do General de Gaulle já acalentava a criação de uma “Academia de Defesa”, destinada à formação comum às elites militar e civil. Essa ambição foi se reafirmando ao início da V República, entretanto o projeto de uma “universidade militar”, almejado pelo então Primeiro-Ministro Michel Debré, não foi levado a cabo, assim como todas as tentativas seguintes. Todavia, a evolução do contexto estratégico tornava cada vez mais indispensável uma evolução.

³ Academia de Inteligência, Biblioteca da Escola Militar (BEM), Centro de Combate do Futuro (CCF), Centro de Ensino Militar Superior Aéreo (CEMSAIR), Centro de Ensino Militar Superior das Forças Terrestres (CEMS-T), Centro de Estudos Estratégicos da Marinha (CESM), Centro de Estudos Estratégicos Aeroespaciais (CESA), Centro de Formação de Líderes da “*Gendarmerie*” (CFDG), Centro de Formação ao “Management” da Defesa (CFMD), Centro de Pesquisa na Escola dos Oficiais da “*Gendarmerie nationale*” (CREOGN), Centro dos Altos Estudos Miliars (CHEM), Centro Conjunto de Conceitos, Doutrinas e Experimentações (CICDE), Cátedra de Defesa Cibernética e Soberania Digital do IHEDN, Cátedra de Economia de Defesa do IHEDN, Cátedra “Estratégias Aéreas e Espaciais Aplicadas” integrada no CESA, Conselho-Geral do Armamento (CGArm), Escola de Guerra (EdG), Instituto dos Altos Estudos de Defesa Nacional (IHEDN), Instituto dos Altos Estudos do Ministério da Segurança Interior (IHEMI), Instituto de Pesquisa Estratégica da Escola Militar (IRSEM), Revista “*Inflexion*”.

⁴ Chefs d'état-major des trois armées, chef d'état-major des armées, ministre des armées, directeur général de la gendarmerie nationale, ministre de l'Intérieur ou Premier ministre (NdT).

⁵ O fim da ocupação militar alemã, o fim do regime de Vichy e o estabelecimento do governo Provisório da República francesa, em 1944 (NdT).

A ACADEM, oficialmente criada no dia 26 de outubro de 2023, visa tirar o máximo de proveito da colocação dos diferentes organismos, quer eles subordinados ao Ministério das Forças Armadas, ao Ministério do Interior, quer com vocação interministerial. Longe de ser uma nova “camada” administrativa, a ACADEM apresenta-se como uma estrutura leve e federativa, que objetiva só e unicamente a expansão da formação, pesquisa e doutrina francesas em matéria de defesa e segurança, por meio da organização de eventos, seminários e fóruns comuns entre as diversas estruturas que ela reúne. A implementação de uma governança mínima foi decidida: presidida pelo Diretor do Ensino Militar Superior (DEMS) e do IHEDN, a ACADEM conta com um Secretário-Geral com posto de General de Divisão ou Vice-Almirante. Em torno deles, incumbe a uma equipe garantir a divulgação do pensamento estratégico francês, ao mesmo tempo para com a esfera da pesquisa e os parceiros e aliados estrangeiros. A criação da Academia de Defesa da Escola Militar não tira nada das funções e competências dos organismos que ela agrega. Esses continuam trabalhando em total autonomia, conforme a suas respectivas cadeias hierárquicas. A diferença é que todos eles participarão da organização dos diversos eventos da ACADEM, de acordo com suas respectivas áreas de competência.

Portanto, trata-se de reforçar a ACADEM não somente em seu papel de cruzamento natural no qual se encontrarão pesquisadores e docentes, oficiais e universitários, pensadores e profissionais, mas também como fonte de projeção de alcance internacional. Foi nessa perspectiva que nos últimos dias 13 e 14 de março, a ACADEM organizou a primeira edição do “*Paris Defense and Strategy Forum*”, reunindo 230 palestrantes e 2500 participantes, oriundos de 68 países, em a cerca de sessenta conferências, mesas redondas e oficinas variadas. Este evento, cuja segunda edição ocorrerá de 11 a 13 de março de 2025, exemplificou o amplo leque dos temas do pensamento estratégico abarcado segundo estas três dialéticas pela ACADEM, graças à diversidade de seus organismos membros.

**

Estes temas podem ser abordados através de quatro círculos concêntricos definidos frente aos desafios impostos a nossos países. **O primeiro círculo** corresponde à **noção de defesa militar** e envolve o uso, ou a ameaça de uso, da violência física. Na ACADEM, são abordadas as doutrinas táticas e operacionais, bem como os desafios relativos ao emprego da “*Gendarmerie nationale*”. A existência deste primeiro círculo marca a diferença essencial entre

a paz e a guerra. É neste contexto que o estudo dos estrategistas clássicos, Tucídides, Sun Tzu, Clausewitz ou Jomini é essencial.

O segundo círculo acrescenta aos aspectos de defesa militar tudo o que pode prejudicar a nossa soberania, os nossos interesses e as nossas liberdades sem recorrer à força armada. É o **campo da defesa nacional**, que visa, assim, nos proteger contra todas as ameaças, caracterizadas por intenções hostis e com um objetivo político por parte dos atores. A ameaça se distingue do risco, que é a mera possibilidade de um acontecimento danoso. Para cumprir seu papel, a defesa nacional deve concentrar-se nas áreas em que as ameaças seriam as mais suscetíveis de prejudicar a nação e naquilo que lhe permite viver de acordo com seus valores. Estas áreas são as que estão expostas ao exercício do poder pelos nossos concorrentes ou adversários. O território, o Estado e a população constituem o cerne de nossos interesses nacionais, que, entretanto, não se limitam a eles. De maneira sintética, os interesses nacionais, protegidos pela defesa nacional, podem assim se reunir em três campos: o ambiente internacional pode ser desestabilizado e os nossos aparelhos diplomáticos e militares e as nossas agências de inteligência podem ser alvo de espionagem, de campanhas de desinformação, de ataques cibernéticos ou até mesmo de atos de sabotagem, para além dos ataques armados; nossa economia, nossas empresas devem ser protegidas contra normas extraterritoriais quando têm um aspecto mais político do que econômico, contra os ataques cibernéticos ou informacionais, as participações hostis visando captar uma parte do nosso patrimônio e nossas finanças públicas podem sofrer medidas hostis, por exemplo, através da instrumentalização da dívida; por fim, a coesão de nossa sociedade pode ser ameaçada por campanhas de desinformação, pela instrumentalização dos fluxos migratórios ou pelo descrédito de nossas instituições. No âmbito da ACADEM, nos debruçamos sobre questões de segurança econômica, de proteção cibernética ou de preservação de nossa soberania e de suprimento de materiais críticos. Observaremos que enquanto a confrontação armada visa enfraquecer a vontade do adversário, a confrontação não militar visa mais enfraquecer e fazer evoluir os equilíbrios de poder. Os domínios militares e não militares estão, portanto, ligados, mas são diferentes em seus meios como em seus objetivos. Para abordar estas questões, o estrategista indiano Cautília, Maquiavel, ou até mesmo mais recentes, os generais Beaufre ou Poirier, continuam sendo muito relevantes.

O terceiro círculo corresponde à noção de segurança nacional, incluindo assim, para além da defesa nacional, a gestão das crises suficientemente graves para prejudicar nossa sociedade, nossas instituições ou nossos interesses de poder. A sua meta é assegurar a

continuidade da vida nacional. Estas crises não decorrem do objetivo de causar danos políticos, mas atingem mesmo assim a organização do Estado ou o seu sistema político, as infraestruturas ou as empresas críticas (OIV⁶). Portanto, não se trata mais de ameaças, mas de riscos, com forte impacto no funcionamento do Estado e da sociedade. Mais especificamente, os principais setores suscetíveis de serem atingidos por estes riscos são os seguintes: a saúde da população; nossas infraestruturas de vital importância; os fluxos de suprimento de nossa economia, inclusive para os recursos essenciais, o meio ambiente; nosso patrimônio cultural, material e imaterial; nosso sistema financeiro. Eles podem sofrer as consequências, seja de catástrofes (pandemias, catástrofes naturais ou tecnológicas), seja de fenômenos sociais que apesar de não serem ativados por uma vontade política hostil, mas por causa de seu importante impacto, prejudicam a saúde de nossa população (tráfico de drogas), a transparência dos fluxos financeiros (crime organizado), nossos abastecimentos por via marítima (pirataria), nossa economia (crise financeira) ou ainda a coesão de nossa sociedade. As interações com a segurança interna são fortes e, na ACADEM, o IHEDN, suas cátedras de pesquisa, o Centro de Pesquisa das Escolas da “*Gendarmerie nationale*” ou o Instituto dos Altos Estudos do Ministério do Interior são os principais atores desta reflexão. Notaremos a diferença fundamental com o campo da defesa: enquanto houver possibilidade de negociar e, eventualmente, retaliar contra o autor de uma ameaça ou de um ataque intencional aos nossos interesses, só podemos nos proteger e restabelecer nosso equilíbrio quando confrontados a um risco ou a sua concretização. Essa questão do gerenciamento de riscos aponta para o assunto da resiliência e do fundamento das sociedades. É vantagem abordá-la com filósofos tais como Hannah Arendt.

Por último, no que diz respeito ao quarto círculo, o mais abrangente, a proteção contra estes ataques à defesa e à segurança nacional não pode ser garantida sem uma ação a favor da segurança internacional, seja por via da ação diplomática bilateral ou multilateral, do controle de armamento ou da promoção de mecanismos de segurança coletiva. A ACADEM se mantém ainda especialmente ativa neste campo, graças, em particular, ao Instituto de Pesquisa Estratégica da Escola Militar. Neste âmbito, não hesitaremos em retornar às ciências políticas e às relações internacionais, com a ajuda, por exemplo, de Raymond Aron.

A ACADEM ambiciona participar da criação de uma rede de organismos envolvidos na mesma dinâmica de retomada do pensamento estratégico, baseado na formação dos líderes.

⁶ Operadora de Importância Vital (NdT)

Parcerias com o Instituto Rio Branco (IRBr) e a Escola Superior de Defesa (ESD) são desta forma ricas em possibilidades, à imagem das contribuições de nossos dois países para a reflexão estratégica. **A França como o Brasil** são potências do Atlântico: o Brasil na parte sul deste oceano crucial para os intercâmbios mundiais, e a França mais atuante na sua parte norte. Somos também Estados fronteiriços, através da Guiana Francesa, e nossos respectivos líderes estão bem conscientes do quanto os desafios da região amazônica são determinantes para o presente e o futuro, por eles abrangerem vários dos círculos da defesa nacional, acima evocados: tráfico, meio ambiente, grupos armados... O Brasil e a França têm, portanto, a mesma preocupação de contribuir para a estabilidade internacional. Nossa história comum reflete-se numa cultura estratégica compartilhada. Neste contexto, não é exagerado desejar a emergência de um pensamento estratégico franco-brasileiro. A ACADEM está pronta para esta empreitada.